

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Uma Cinemateca em Chamas: Histórias de Projeção e Projecionistas | Carta

Branca aos Projecionistas da Cinemateca

12 e 22 de Janeiro de 2026

AZ ÖTÖDIK PECSÉT / 1976

(“O Quinto Selo”)

Um filme de Zoltán Fábri

Realização: Zoltán Fábri / Argumento: Zoltán Fábri, baseado num romance de Ferenc Santa / Fotografia: György Illés / Direção Artística: Tamas Vayer / Música: György Vukán / Som: György Pintér/ Montagem: Ferencné Szécsényi / Interpretação: Lajos Öze (Miklós Gyuricza), László Márkus (László Király), Ferenc Bencze (Béla), Sándor Horváth (János Kovács), István Degi (Károly Keszei), Zoltán Latinovits, Gábor Nagy, György Bánffi, etc.

Produção: Mafilm – Budapest Filmstudio / Cópia digital (DCP), colorido, falado em húngaro, legendado em inglês e eletronicamente em português / Duração: 113 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

- do Apocalipse

Do sétimo selo do Apocalipse ocupou-se Ingmar Bergman no seu famosíssimo filme que leva esse nome, do quinto ocupou-se Zoltán Fábri. **O Quinto Selo** não é tão famoso como o **Sétimo**, está mesmo um pouco esquecido, aliás como a obra de Fábri, cineasta que pelo que se tem podido ver aqui e ali bem merecia uma redescoberta (quem, em 2024, viu nesta sala o magnífico **Körhinta** sabe de que estamos a falar). De resto, é talvez de todo o cinema húngaro que temos uma noção fragmentada, como acontece com muitas cinematografias que internacionalmente são divulgadas a partir dos “greatest hits”, e uma consequente dificuldade para perceber como é que as peças encaixam umas nas outras – mas Fábri seria uma peça interessante, para todos os que não acreditam em gerações espontâneas, para entender como é que o cinema húngaro gerou um Béla Tarr, por exemplo, muito para além da filiação nos planos-sequência de Miklós Jancsó.

O Quinto Selo é um bom filme para evocar isso, e talvez até com extensão à literatura – porque também não parece haver, a julgar por este argumento extraído a um livro dele, nenhuma *contradição* entre Ferenc Santa (1927-2008) e László Krasznahorkai, argumentista da fase decisiva de Tarr. A escrita, não a podemos julgar, mas falamos de temas e ambientes, e esses não são nada contraditórios: o grupo de homens que o filme acompanha é certamente mais loquaz do que os protagonistas típicos dos filmes de Tarr,

mas podiam ser gente tratada nos seus filmes, sobretudo a partir da perspectiva que é lançada sobre eles: como muitos filmes de Tarr e Krasznahorkai, o **Quinto Selo** é uma meditação apocalíptica (no sentido bíblica mas um pouco mais do que só isso, naquela cena final em que Budapeste colapsa em sucessivas derrocadas e explosões) sobre um poder esmagador e sobre os que, não tendo poder nenhum, são esmagados por esse poder.

O filme é de 1976, vinte anos depois da revolta húngara contra o domínio soviético, trinta e dois sobre a época narrada no filme – que é o ano de 1944, derradeiro período do regime fascista aliado de Hitler que em breve viria a sucumbir ao avanço dos exércitos aliados, especialmente os de leste (as explosões finais são como uma “premonição retrospectiva” da queda de Budapeste no ano seguinte ao da narrativa do filme). Este avanço de totalitarismo em totalitarismo ao longo do século XX ajuda certamente a perceber alguma coisa da psicologia dos húngaros (e dos filmes húngaros), sendo de notar que no **Quinto Selo** as referências históricas são reduzidos a um mínimo essencial e circunstancial. Busca-se uma forma de abstracção que se eleve por cima da circunstância histórica, e a circunstância histórica serve essencialmente de alicerce para a meditação sobre o poder absoluto e a submissão absoluta. A parte final do filme, a sequência com o “falso Cristo”, faz confluir o poder e a submissão absolutos num grau cerimonial de abjecção, humilhação e desumanização só comparável a um filme que em 1976 tinha acabado de estreiar, o **Saló** de Pier Paolo Pasolini, porventura o filme máximo na sistematização do arco entre poder absoluto e submissão absoluta, e certamente um parente do de Fábri (sendo impossível saber se Fábri fez o seu filme já no conhecimento do de Pasolini ou ainda não).

“Sistemático”, à sua maneira, é também **O Quinto Selo**, com a sua organização narrativa em “actos” bem definidos, como uma peça teatral, e norteadas por uma ideia de “reflexo”. As divagações, discussões, teorias mais ou menos certas ou incertas, dos diálogos entre o grupo de protagonistas são depois rimadas – é o “reflexo” - na sequência, fria, assustadora, “teórica”, em que o fascista-mor (o actor Zoltán Latinovits, sempre de óculos escuros, numa personagem completamente repugnante) explica aos seus subordinados o que eles ainda não perceberam no jogo do poder e da submissão – que um homem com auto-estima é ainda um homem capaz de se revoltar, que para garantir a submissão absoluta de um homem é preciso extinguir-lhe o amor próprio até à última gota.

Como uma aula prática de opressão: é a partir daí que o espectador desconfia que nada vai acabar bem, e que a “questão filosófica” que ocupa os protagonistas – preferiam ser um tirano inconsciente da sua culpa ou um escravo reconfortado por uma consciência limpa da sua condição – é completamente irrelevante face ao bulldozer dos fascismos, porque não se trata de uma escolha nem de uma preferência: ou se é ou se não é, nasce-se para ser ou para não se ser. Conclusão fatalista, seguramente, mas para a qual não se caminha em linha recta: o **Quinto Selo** é um filme de diálogos (e de pintura: as alusões e figurações de Bosch, ainda e sempre o “desenho” da abjecção) cheios de derivas, ricos e densos, como uma peça de teatro encenada mesmo à beira do fim, do fim de tudo.

Luís Miguel Oliveira